

TRAJETÓRIA PARALÍMPICA: a mídia na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico em Belém do Pará

Luis Alberto Souza Pinheiro

Universidade Federal do Pará – UFPA

Instituto de Letras e Comunicação – ILC

Faculdade de Comunicação – Facom

Curso de Comunicação - Publicidade e Propaganda

RESUMO

Este trabalho analisa o impacto midiático na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico na Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB), a fim de compreender a percepção deles sobre o esporte paralímpico a partir das mídias; descobrir como atletas adolescentes da ACEAB iniciaram no esporte paralímpico. Metodologicamente, foram realizados levantamento bibliográfico, análise documental e dinâmicas lúdicas com seis atletas da ACEAB. De forma analítica, os dados obtidos empiricamente (contato inicial com o esporte paralímpico, experiências atuais com o esporte, expectativas para o futuro e conhecimento sobre símbolos e personalidades do paradesporto na mídia) foram confrontados com as noções e conceitos derivados da pesquisa bibliográfica (Impacto midiático no público infante juvenil e iniciação no esporte paralímpico). Os resultados mostraram que a mídia tem um papel coadjuvante na iniciação dos adolescentes no esporte paralímpico do grupo analisado. A família atua como o principal incentivador para a iniciação dos atletas.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte paralímpico; Paradesporto; Mídia; Iniciação; Atletas



1INTRODUÇÃO

A prática esportiva para pessoas com deficiência tem suas raízes aprofundadas após a II Guerra Mundial, quando o médico Ludwig Guttmann promoveu, em 1948 na Inglaterra, os primeiros Stoke Mandeville Games, marco inicial dos Jogos Paralímpicos modernos e cuja relevância histórica é amplamente reconhecida (GUTTMANN, 1948). A edição inicial contou com a participação de 16 atletas, entre homens e mulheres, que disputavam tiro com arco. Desde então, o movimento paralímpico cresceu exponencialmente, como demonstrado pela participação de cerca de 4.400 atletas na edição de Paris 2024.

O protagonismo brasileiro se tornou evidente ao alcançar a quinta colocação no quadro geral de medalhas nas Paralimpíadas de Paris, com sua melhor campanha histórica: foram 25 ouros, 26 pratas e 38 bronzes, com 89 medalhas no total, números que superam amplamente as edições anteriores.

Em 2024, as Paralimpíadas foram exibidas pelo Sportv 2 (canal por assinatura) do Grupo Globo, apresentando bons índices de audiência. Durante a realização das competições, os eventos lideraram a preferência nos canais por assinatura. Segundo dados do Kantar Ibope¹, obtidos pela Folha de S. Paulo, foram 245 transmissões ao vivo, com o Sportv sendo líder de audiência entre os canais esportivos na maioria das vezes. Somando TV aberta, onde houve apenas a transmissão de um jogo entre Brasil x Argentina pela semifinal da modalidade Futebol de 5, e canal por assinatura, estimou-se um alcance de 68 milhões de espectadores. No Globoplay (streaming), houve um aumento expressivo em comparação à edição anterior das Paralimpíadas (Tóquio 2021), ocorreu um incremento de 199% de usuários e 183% a mais de horas assistidas.

Ademais, o aumento da visibilidade do paradesporto está relacionado com o que é dito por Santos; Furtado; Poffo; Velasco & Souza (2018): os interesses de patrocínio. Segundo Santos et al (2018), os patrocinadores servem como uma bússola que norteia que direção as marcas devem seguir e de que forma cada evento vai ser veiculado nos meios de comunicação.

¹ Com Paralimpíadas de Paris, SporTV 2 lidera audiência na TV paga; Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/09/com-paralimpiadas-de-paris-sportv-2-lidera-audiencia-na-tv-paga-veja-balanco-completo.shtml>>. Acesso em: 24 jan. 2025.

Particularmente entre o público infanto-juvenil, o consumo de esportes se ampliou com o acesso facilitado a plataformas digitais e a forte presença do esporte nas narrativas midiáticas (BUCKINGHAM, 2007). Pesquisas recentes (PULLEN et al., 2020) apontam que a construção de imagens e valores do esporte para pessoas com deficiência é fortemente mediada por narrativas globais (BRITAIN, 2010;), impactando diretamente a iniciação e o imaginário das crianças e adolescentes (CHALABAEV et al., 2013).

Entretanto, poucos estudos têm analisado como esse fenômeno ocorre em contextos regionais, especialmente em cidades como Belém do Pará. Diante desse cenário, o presente artigo tem por objetivo avaliar o impacto da mídia na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico na Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB), tendo como objetivos específicos: a) compreender a percepção de adolescentes sobre o esporte paralímpico a partir das mídias - TVs aberta e fechada, streaming e plataformas digitais; b) descobrir como atletas adolescentes da ACEAB iniciaram no esporte paralímpico.

Baseando-se em Jenkins (2015), a diferença entre as mídias de massa tradicionais e as novas mídias digitais encontra suporte na ideia de cultura participativa. Jenkins destaca que, enquanto as mídias de massa criaram um receptor "passivo", as mídias digitais possibilitam emissores cada vez mais "ativos".

Assim, ao direcionar esta pesquisa para o impacto midiático na iniciação de adolescentes em práticas paradesportivas em Belém do Pará, a pergunta que norteia o este artigo de conclusão de curso é: de que forma a mídia interfere na iniciação de adolescentes em esportes paralímpicos na cidade de Belém do Pará, particularmente na ACEAB?

Como justificativa geral, para Brittain (2010), o esporte para pessoas com deficiência promove autonomia funcional ao favorecer o aumento da capacidade motora e cognitiva, imprescindível para maior independência no cotidiano. Outrossim, o paradesporto funciona como um espaço privilegiado para a reintegração social, pois cria oportunidades de convivência, pertencimento e desconstrução de estigmas relacionados à deficiência.

Como justificativa acadêmica, há relevância em discutir o tema acerca do impacto da mídia na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico na Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB), uma vez que preenche lacunas na compreensão sobre o papel da mídia na promoção do esporte paralímpico e no fortalecimento da inclusão social.

Mesmo com o Brasil conquistando sua melhor campanha em Jogos Paralímpicos da história nas Paralimpíadas de Paris, Montenegro (2017) afirma que o paradesporto ainda é pouco explorado e divulgado nos veículos de comunicação e no meio acadêmico.

Como justificativa pessoal, este pesquisador foi resultado desse fenômeno de conversão midiática para a prática esportiva ao descobrir o Futebol PC (praticado exclusivamente por pessoas com Paralisia Cerebral) através de uma transmissão dos Jogos Rio 2016, aos 14 anos de idade. Foi o ponto de partida para iniciar questionamentos sobre o tema, como o anseio de entender se a experiência foi única ou compartilhada com outros para-atletas.

Este estudo está organizado em oito seções. A Introdução expõe e discute os temas centrais do artigo, apresentando o problema de pesquisa, o objetivo geral, os objetivos específicos e as justificativas do trabalho. A segunda parte é dedicada à apresentação da Metodologia, detalhando as dinâmicas que foram aplicadas com os adolescentes, bem como a escolha do público-alvo da pesquisa. Na terceira seção (Conhecendo nosso time), são apresentados os atletas que participaram das dinâmicas. A quarta seção (Antes do pódio) tem como principal ponto retratar como os atletas iniciaram no esporte paralímpico. A quinta seção (Vivendo o paradesporto) tem como foco retratar o momento atual dos atletas no esporte paralímpico. A sexta seção (Sonho paralímpico) tem como ponto principal apresentar a visão dos atletas para o seu futuro no esporte paralímpico. A sétima seção (Olhar paralímpico) tem como finalidade entender o conhecimento dos atletas sobre os símbolos, atletas paralímpicos famosos na mídia. A análise dos dados coletados é realizada de forma transversal nas seções quatro, cinco, seis e sete. Por fim, as Considerações Finais reúnem os principais achados e descobertas obtidas ao longo da pesquisa, ressaltando os resultados mais relevantes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na primeira etapa para a elaboração da metodologia foi realizada uma pesquisa por literatura científica sobre o impacto da mídia na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico na Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB). Nesta fase de pesquisa bibliográfica as leituras foram centradas em livros, teses e dissertações que abordassem assuntos relacionados ao objeto pesquisado.

A pesquisa bibliográfica é reconhecida como um componente essencial na construção do conhecimento acadêmico, pois permite contextualizar o tema investigado e identificar as contribuições já desenvolvidas na área de estudo. De acordo com Gil (2008), essa etapa inicial da pesquisa é fundamental para fundamentar teoricamente o trabalho, fornecendo subsídios que orientem a formulação do problema e dos objetivos da investigação. Inicialmente, a coleta das informações revelou uma carência de trabalhos acadêmicos, especialmente sobre a percepção infantil sobre o esporte paralímpico.

De tal maneira, os trabalhos existentes que se aproximam do tema foram de extrema importância para a próxima etapa da elaboração metodológica, tanto pelo entendimento sobre a veiculação do paradesporto na mídia e entender quais meios midiáticos poderiam ser usados nas dinâmicas quanto pelo entendimento das principais formas de iniciação no esporte que também poderiam ser usado nas dinâmicas. Entre eles estão “O esporte paralímpico na ou da mídia? Uma revisão de literatura” (2016) de Silvan Menezes e Doralice de Souza ; “A iniciação esportiva no esporte paralímpico: o caso do voleibol sentado” (2020) de Vitória Crivellaro, Janice Mazo e Giandra Bataglion.

O levantamento das informações serviu para entender como o paradesporto é desenvolvido e veiculado midiaticamente no Brasil. Esse cenário histórico ajudou a identificar as maneiras de transmissão a respeito do esporte paralímpico para a sociedade. O ponto central da pesquisa é o público adolescente e seu entendimento sobre o paradesporto.

Na pesquisa de campo se percebeu a necessidade de utilizar uma estrutura que permitisse uma comunicação mais clara com o público-alvo, tendo em vista que se tratariam de adolescentes PCD's que a depender do meio que estão inseridos apresentam atrasos no potencial cognitivo. Portanto, este estudo adotou o grupo focal, adaptando-o a uma forma lúdica, como técnica de produção de dados. Pesquisas indicam que o envolvimento de PCDs em atividades esportivas, especialmente quando mediados por conteúdos midiáticos e práticas lúdicas, estimula habilidades cognitivas como atenção, percepção, resolução de problemas e formação de identidade (Brittain, 2010; Chalabaev et al., 2013).

O trabalho de Santos (2018) foi utilizado como base para a construção da metodologia utilizada neste artigo em tela. Além de pertencer a área da Comunicação, leva em conta as particularidades de uma análise junto ao mesmo público infante juvenil. De acordo com autores como Costa (2005), o grupo de trabalho deve se restringir a um número pequeno de pessoas, de 6 a 12 participantes, e estar alinhado com os objetivos da pesquisa.

O local escolhido para a aplicação da atividade foi a Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB), uma entidade sem fins lucrativos que surgiu em 2013, inicialmente como um projeto idealizado pelo professor Valdir Aguiar, em parceria com a Tuna Luso Brasileira, oferecendo apenas a modalidade de Futebol PC. Com o sucesso da iniciativa, novas modalidades foram incorporadas. Atualmente, a associação conta com as modalidades de Atletismo, Bocha, Futebol PC, Natação, Badminton, Tênis de Mesa e Vôlei Sentado, atendendo crianças e adolescentes com deficiência e apresentando-as ao universo do paradesporto. A Associação é o espaço onde este pesquisador iniciou sua trajetória no esporte paralímpico. As instalações da associação são sediadas na Tuna Luso Brasileira, por meio de uma parceria entre o clube Luso Brasileiro e a Associação. Os atletas paralímpicos utilizam as instalações do clube para treinos.

Com o auxílio - tanto na elaboração e aplicação da dinâmica - de uma estudante de graduação em Fisioterapia e de professores de Educação Física que trabalham na Associação, o problema de pesquisa e objetivos deste trabalho foram desdobrados em atividades lúdicas com linguagem adequada aos adolescentes. A atividade foi aplicada pelo pesquisador e pelos profissionais supracitados a um grupo selecionado de adolescentes. A coleta dos dados foi realizada nas dependências da própria na Associação entre os meses de junho e julho de 2025, especialmente aos sábados, dia em que há atividades em funcionamento.

A seleção do público-alvo inicialmente foi pensada para crianças de 8 a 11 anos. Porém, após testes iniciais com duas crianças, os objetivos esperados pelo pesquisador não foram correspondidos, muito por conta da dificuldade das crianças em entender as dinâmicas e, por extensão, não apresentarem as respostas necessárias para alcançar os objetivos de pesquisa. Por esse motivo houve uma alteração na idade base para a pesquisa, posteriormente alterada para crianças de 12 a 16 anos baseando-se em fundamentos teóricos do desenvolvimento cognitivo e social, especialmente nas contribuições de Jean Piaget (1976) e Maria Teresa Eglér Mantoan (2006).

Inicialmente, os convites para a participação nas dinâmicas foram feitos por meio de indicações dos professores da Associação, sendo a única solicitação do pesquisador a diversificação entre as modalidades esportivas. Após as indicações, o pesquisador realizou um pré-contato com os atletas para verificar a disponibilidade para participar das dinâmicas. Foram selecionados oito adolescentes entre 12 e 16 anos, dos quais dois recusaram² o convite, enquanto os demais (seis) demonstraram entusiasmo em participar.

Outro ponto importante a ser mencionado é que a escolha de atletas apenas do gênero masculino está relacionada ao período em que a pesquisa foi realizada, meses de junho e julho, quando somente os atletas classificados para competições nacionais estavam treinando enquanto os demais participantes estavam em período de férias, e, infelizmente, somente meninos haviam se classificado para essas competições.

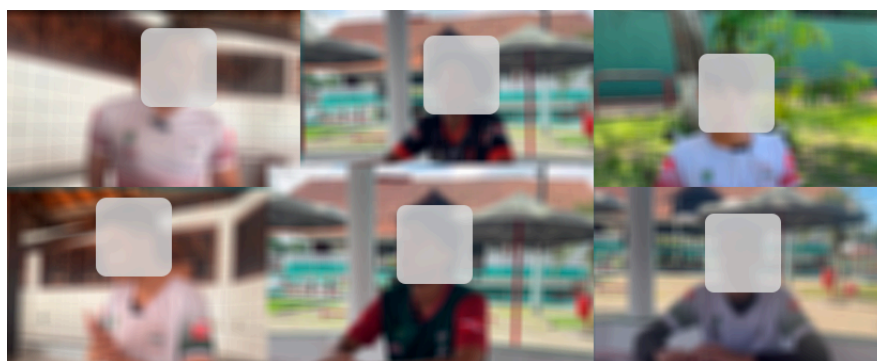
² O motivo da recusa dos dois atletas foi em virtude de eles não se sentirem confortáveis em realizar as dinâmicas em frente às câmeras.

Segundo Piaget (1976), essa faixa etária corresponde ao estágio das operações formais, caracterizado pela capacidade emergente de pensamento abstrato, raciocínio lógico e reflexão sobre hipóteses. Nessa fase, os indivíduos desenvolvem autonomia maior para compreender conceitos complexos, como os relacionados ao esporte paralímpico e às suas dimensões sociais e midiáticas, bem como são capazes de expressar suas percepções e sentimentos de forma mais articulada.

Do mesmo modo, a faixa dos 12 aos 16 anos é reconhecida por Maria Teresa Eglér Mantoan (2006) como uma etapa significativa para a construção da identidade e da inclusão social na infância e adolescência. A autora enfatiza a importância de proporcionar contextos educativos e sociais que estimulem o protagonismo e a participação de jovens neste período, sobretudo no que diz respeito à superação de barreiras e preconceitos, o que está alinhado com o objetivo de compreender a percepção infantil frente ao esporte paralímpico. Assim, trabalhar com esse público possibilita colher dados consistentes, pois adolescentes já possuem repertório suficiente para interagir e refletir sobre os impactos da mídia e a própria iniciação esportiva, garantindo a efetividade das dinâmicas propostas na pesquisa.

Os dados da pesquisa foram registrados em uma ficha previamente criada pelo pesquisador, onde constam dados básicos dos atletas (nome, idade, modalidade e deficiência) e as perguntas bases das dinâmicas. Além disso, realizou-se a captação das dinâmicas por áudio e vídeo. As dinâmicas foram realizadas todas de modo presencial com um tempo de aproximadamente 30 a 40 minutos e sempre realizadas após os treinos.

Figura 1 – Mosaico das entrevistas



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Para realizar as atividades, foi obtido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis legais das crianças e adolescentes participantes, garantindo que eles fossem completamente informados sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa. Também pedimos o consentimento dos próprios participantes, sempre respeitando sua autonomia e vontade. Durante as dinâmicas, tomamos cuidados para assegurar acessibilidade, conforto e sigilo das informações compartilhadas, criando um ambiente acolhedor e livre de qualquer constrangimento ou discriminação. Além disso, o tratamento dos dados foi feito com confidencialidade, preservando a privacidade e a identidade de todos os envolvidos. Por esse motivo serão utilizados nomes fictícios para se referir aos atletas.

Para investigar a percepção dos adolescentes sobre o esporte paralímpico e a interferência da mídia em sua iniciação, foram aplicadas duas dinâmicas lúdicas e participativas, adaptadas à faixa etária e ao contexto do público-alvo, considerando os preceitos de acessibilidade e inclusão recomendados por Glat (2007).

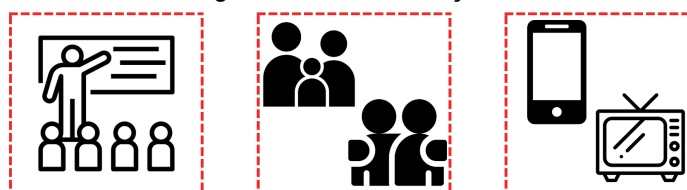
2.1 Dinâmica 1: Linha do Tempo - Passado, Presente e Futuro

Esta dinâmica foi dividida em três estações que representam diferentes momentos da trajetória esportiva das crianças, possibilitando uma reflexão temporal e individual sobre o esporte paralímpico.

Estação 1 – Passado: “Como conheci o esporte paralímpico?”

As crianças receberam três cards ilustrados, cada um indicando uma possível origem do primeiro contato com o esporte paralímpico: Família/Amigos, Escola/Professores e TV/Internet. A partir da escolha de um ou mais cards, as participantes foram incentivadas a compartilhar suas experiências e motivações iniciais, provocadas por perguntas como: “Você viu ou ouviu algo que chamou sua atenção?”

Figura 2 – Cards Estação 1

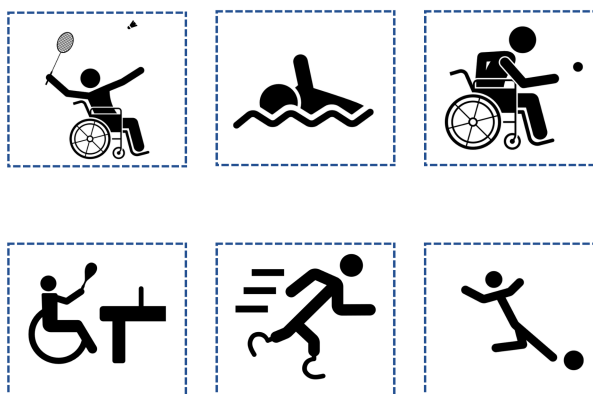


FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Estação 2 – Presente: “Qual esporte você pratica hoje?”

Nesta etapa, as crianças selecionaram cards com ilustrações das modalidades esportivas paraolímpicas que atualmente praticam, entre opções como atletismo, badminton, bocha, futebol PC e natação. Após a escolha, foram convidadas a descrever suas sensações, rotina de treinos e aspectos favoritos da prática esportiva, com o auxílio de perguntas facilitadoras, como: “Como é treinar esse esporte?” e “O que você sente quando joga?”

Figura 3 – Cards Estação 2



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Estação 3 – Futuro: “Como você se vê no futuro?”

Utilizando desenhos ou pequenas produções textuais, as crianças expressaram suas expectativas e projeções pessoais relacionadas à continuidade ou evolução no esporte paralímpico, respondendo à pergunta norteadora: “Como você se vê no futuro com o esporte?”

Esta dinâmica promoveu a expressão individual e o exercício da escuta ativa, proporcionando dados qualitativos ricos sobre a trajetória e a relação das crianças com o paradesporto.

2.2 Dinâmica 2: Tela Mágica – Percepção da Mídia sobre o Esporte Paralímpico

Com o objetivo de compreender quais meios de comunicação exercem maior influência na percepção das crianças sobre o esporte paralímpico, foi aplicada uma dinâmica visual e interativa.

Foi utilizado um conjunto de cards ilustrados contendo imagens representativas do universo paralímpico: atletas em ação, competições, equipamentos adaptados (como cadeiras de rodas esportivas e próteses) e transmissões televisivas. As crianças observaram cada card individualmente e responderam à pergunta “Você já viu isso? Onde?” escolhendo e colocando etiquetas correspondentes aos meios de comunicação disponíveis: TV, Internet, Escola, ou “Nunca vi”.

Figura 4 – Cards Dinamica 2



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Após cada escolha, o educador ou pesquisador estimulou reflexões complementares com perguntas de apoio, tais como: “Você lembra quando viu isso?”, “O que achou dessa imagem?”, “Isso fez você querer praticar esse esporte?”, “Você conhece alguém que já fez isso?”.

A dinâmica foi pensada para criar um ambiente inclusivo e acessível, conforme enfatizado por Glat (2007), garantindo que as crianças compreendessem as imagens e as perguntas, facilitando uma participação efetiva e confortável. Dessa forma, foi possível identificar os canais midiáticos mais presentes e influentes na formação da visão das crianças sobre o esporte paralímpico, além de captar suas impressões e motivações diante das imagens.

Após o fim das aplicações os dados coletados nas dinâmicas (Linha do Tempo e Tela Mágica), foram submetidos a uma análise qualitativa, visando compreender as percepções desses participantes sobre o esporte paralímpico e o papel da mídia em sua iniciação esportiva. Inicialmente, todo o material gravado em áudio e vídeo foi transcrito, e as informações contidas nas fichas de registro foram organizadas para facilitar a análise.

Depois, os dados foram organizados em partes menores, destacando os principais assuntos da pesquisa, como a maneira como as crianças tiveram o primeiro contato com o esporte, a influência da mídia, os sentimentos que têm sobre praticar esportes e suas expectativas para o futuro.

Com base na técnica de análise temática, essas unidades foram agrupadas em categorias - formas de contato inicial com o esporte paralímpico, experiências atuais com o esporte, expectativas para o futuro e conhecimento sobre símbolos e personalidades do paradesporto na mídia que possibilitaram a interpretação das narrativas expressas pelos participantes, respeitando as especificidades comunicacionais dos adolescentes, conforme as recomendações de Glat (2007) para pesquisa com PCDs. A análise buscou revelar tanto os padrões comuns quanto as singularidades individuais, evidenciando a diversidade de experiências e opiniões do público infante juvenil.

3. CONHECENDO NOSSO TIME

De início, para humanizar a narrativa e preservar o anonimato dos atletas, foram selecionados nomes fictícios sem qualquer relação com as identidades dos participantes. Para a substituição, foram escolhidos alguns dos nomes de atletas paralímpicos de fácil memorização para o leitor: Daniel, Hugo, Vinicius, Lucas, Felipe e Paulo. Dessa forma, com as informações codificadas, iniciaremos a apresentação dos adolescentes escolhidos.

Daniel, de 16 anos, destaca-se no cenário estadual e nacional por sua habilidade nas piscinas, o que lhe garantiu convocações para os treinamentos da Seleção Brasileira de Natação Paralímpica. Ele possui uma deficiência física que resultou na má formação dos membros superiores e inferiores.

Hugo, também com 16 anos, tem se sobressaído pela sua rapidez e destreza com a raquete de badminton, competindo em níveis estadual e nacional. Desde o nascimento, ele vive com uma deficiência intelectual.

Vinicius, jovem de 15 anos, chama atenção pela velocidade nas pistas de atletismo. Cadeirante, sua deficiência física provocou a má formação dos membros inferiores.

Lucas, com 16 anos, destaca-se nacionalmente no tênis de mesa, demonstrando grande habilidade com a raquete e a bolinha. Ele é portador de uma deficiência física que resultou na má formação dos membros.

Felipe, 14 anos, se destaca em competições estaduais e nacionais de atletismo, evidenciando força e velocidade em diversas provas. Ele tem uma deficiência intelectual que afetou sua fala e desenvolvimento motor.

Paulo, de 15 anos, atua como goleiro na equipe da ACEAB, mostrando grande destaque dentro das quatro linhas do Futebol PC O para-atleta possui paralisia cerebral desenvolvida no parto e sofreu perda parcial da audição.

4. ANTES DO PÓDIO

Historicamente, o estado do Pará vem demonstrando dominância no esporte paralímpico escolar na região Norte. Tal fato fica evidente quando olhamos para o ranking geral das Paralímpiadas Escolares de 2024 realizadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. O Estado obteve a 11^a colocação geral e,consequentemente, a primeira colocação entre os estados da região Norte.

Muito desse sucesso é reflexo do trabalho realizado pela ACEAB no paradesporto escolar do estado. A Associação realiza um trabalho essencial na iniciação de crianças e jovens no esporte, aliado a busca da família por maneiras de inclusão das crianças na sociedade. Baseando-se nos comentários de Daniel e Paulo iniciaremos a observação das formas de contato inicial com o esporte paralímpico.



[...] minha mãe procurou Tuna para me inscrever na escolinha de natação e por acaso acabei encontrando o projeto paralímpico, logo de início já me acolheram logo no primeiro dia [...] e isso já tem 4 anos que eu nado pelo projeto. (Daniel, 2025)

[...] A amiga da minha mãe que indicou o projeto. Quando cheguei aqui não praticava nenhum esporte, comecei pelo tênis de mesa e atletismo e achei muito legal. (Paulo, 2025)

Na fala dos atletas podemos perceber a influência das mães no processo de iniciação no paradesporto por buscarem a melhora na qualidade de vida dos filhos. Os estudos de Haiachi (2017) e Bertoldi et al. (2018) os quais também investigaram atletas paralímpicos brasileiros(as), apontaram aspectos como a escola e a família como propulsores e fundamentais para o ingresso e a permanência de pessoas com deficiência.

Ainda sobre esse tópico, Hugo também apontou influência materna no seu processo, mas acrescentando a interferência direta da televisão no processo:

[...] minha mãe viu na TV, eu não praticava nenhum esporte, a Aceab e o contato do professor e ligou para ele e conversou para eu vir aqui e começar a treinar. Comecei a treinar aqui nos sábados, no início eu era do tênis de mesa. (Hugo, 2025).

Nas palavras de Hugo, observa-se impacto indireto da mídia, aliada ao apoio familiar, especialmente da mãe, no processo de ingresso na prática esportiva paraolímpica. Segundo Brittain (2010), a mídia atua como um importante agente de divulgação e valorização do esporte paralímpico, gerando inspiração e despertando o interesse dos jovens para essa modalidade. Assim, a interação entre mídia e família se configura como elemento decisivo na iniciação esportiva, corroborando a relevância da interlocução midiática no contexto da infância e adolescência, conforme destacado por Buckingham (2007).

Na esteira desse pensamento, Maria Baccega (2010, p.51) diz que “o processo de socialização, que envolve várias agências, sobretudo a escolar e a familiar, além da religiosa, tem encontrado no aparato midiático – hoje, o fio mais forte do tecido da cultura – uma outra agência, que se sobrepõe às demais e envolve a todos: professores e alunos e pais, com grande repercussão na formação dos sujeitos sociais.”

Enquanto isso, Lucas tem uma influência direta da família, pois seu padrasto está diretamente ligado ao projeto por trabalhar como fisioterapeuta na Associação. Ademais, segundo Maria Teresa Eglér Mantoan (2006), o ambiente escolar configura-se como um pilar fundamental para o despertar do interesse pelo esporte, uma vez que é o espaço onde crianças e jovens passam a maior parte do seu tempo nos primeiros anos de vida. Dessa forma, o ambiente escolar se torna uma importante arena para o incentivo ao esporte paralímpico e para o desenvolvimento integral dos jovens. Entre os entrevistados, Vinicius e Paulo relataram esse fenômeno. “Um professor da minha escola que me indicou o projeto”, contou Vinicius.

A importância de uma sociedade que tem conhecimento sobre o paradesporto para essa iniciação, assim como aponta a pesquisa de (Crivellaro Sanchotene et al 2020) as atletas entrevistadas na pesquisa citada afirmaram que sua iniciação veio por meio de convites de pessoas da sociedade que conheciam o esporte paralímpico.

5. VIVENDO O PARADESPORTO

De início, buscando analisar as preferências de cada atleta foram analisados o esporte de cada um e suas particularidades quanto às emoções que a atividade esportiva desperta em cada um. Cabe ressaltar a variedade de classificações presentes no esporte paralímpico, tal ponto também foi apontado por (Crivellaro Sanchotene et al. 2020) quando se referiu-se a classificação funcional de atletas de voleibol sentado. Isso ocorre para garantir maior equilíbrio e justiça nas disputas esportivas.

A classificação considera fatores como tipo e grau da deficiência física, sensorial ou intelectual, assim como o impacto dessas limitações nas capacidades atléticas específicas de cada modalidade esportiva, como explica Yves Vanlandewijck no livro, *The Paralympic Athlete: Handbook of Sports Medicine and Science* (Vanlandewijck & Thompson, 2011)³.

Esse sistema de classificação avalia o impacto das limitações funcionais nas capacidades requeridas para cada modalidade esportiva, uma vez que diferentes esportes exigem habilidades específicas, como força, coordenação, equilíbrio e mobilidade. Por isso, a classificação varia conforme a modalidade, considerando as particularidades e demandas físicas de cada uma. Por exemplo, no tênis de mesa a classificação funcional é dividida em 11 classes. Das classes 1 a 5 são para cadeirantes; das classes 6 a 10 são para pessoas andantes. Quanto maior o grau de comprometimento do atleta menos é a sua classe. Por fim, a classe 11 é exclusiva para atletas com deficiência intelectual.

Percebeu-se que os atletas demonstraram sentimentos de felicidade ao serem questionados sobre a prática de seus esportes. Daniel descreveu a natação como “sua praia” e expressou que entrar na piscina é um ato de amor e liberdade. “Quando estou nadando, sinto uma sensação única”, afirmou o atleta.

Os sentimentos positivos manifestados por Daniel em relação à prática da natação, como a sensação de liberdade e amor pelo esporte, refletem as contribuições do paradesporto para o bem-estar emocional e a construção de identidade dos atletas com deficiência. A prática esportiva se constitui em um espaço de oportunidades e empoderamento para as pessoas com deficiência, podendo gerar crescimento pessoal e contribuir para a promoção da saúde, o sentimento de pertencimento, o estabelecimento de objetivos, dentre outros benefícios (BATAGLION; MAZO, 2019a).

Outro aspecto que Daniel considera de extrema importância para essa vivência esportiva são as amizades, que não apenas funcionam como pontos de apoio para momentos de descontração, mas também contribuem para a evolução por meio da troca de experiências e da comparação de desempenho nas piscinas. Como ponto negativo da rotina do atleta, ele mencionou os treinos exaustivos e as

³ The Paralympic Athlete: Handbook of Sports Medicine and Science. Tradução: O Atleta Paralímpico: Manual de Medicina e Ciência Esportiva

lesões. Até citou uma recente que lhe deixou afastado por um mês. Esses aspectos são discutidos na literatura por Vanlandewijck e Thompson (2011), que evidenciam a necessidade de cuidados específicos na preparação física e recuperação dos atletas, para evitar afastamentos prolongados e garantir a sustentabilidade do desempenho esportivo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Lucas descreveu o tênis de mesa como um amor à primeira vista. Quando questionado sobre a possibilidade de experimentar outros esportes, o atleta afirmou que não cogita essa hipótese e ressaltou que se sente muito feliz quando está na mesa. O mesatenista também mencionou que o esporte lhe ajuda a espairecer a mente e a manter o equilíbrio para enfrentar a rotina do dia a dia. A melhora no desempenho mental mencionada por Lucas reforça o efeito positivo do esporte paralímpico na qualidade de vida e no desenvolvimento dos praticantes, também destacados por Andrade e Melo (2015) em estudos sobre os benefícios multifacetados da prática esportiva para pessoas com deficiência.

Por outro lado, Hugo já experimentou outros esportes antes de se tornar um atleta de badminton. Ele contou que começou a praticar inicialmente tênis de mesa - que até demonstrava uma desenvoltura - mas por conta da grande concorrência de vagas acabou por experimentar o badminton que era um esporte recém adicionado à Associação na época. “Agora meu esporte é o badminton e quando eu jogo sinto uma felicidade”. De acordo com Brittain (2010), o acesso a múltiplas modalidades possibilita que os jovens encontrem o esporte que melhor se adapta às suas habilidades, preferências e condições, favorecendo a permanência e o desenvolvimento dentro do paradesporto. Uma das mudanças citadas por Hugo depois que iniciou no esporte foi a melhora no seu desempenho físico.

Outro exemplo de múltiplas tentativas foi Vinícius que relatou experiências na bocha antes de se encontrar no atletismo. Quando questionado sobre o que achava do esporte ele disse: “esse é o ambiente que me dá inspiração para treinar mais e me esforçar”, corroborando o pensamento de Brittain (2010) sobre permanência e o desenvolvimento dentro do paradesporto.

Com base no relato dos atletas, é possível notar as várias tentativas de se adaptar a um esporte da maioria dos atletas. Acredita-se que isso não seja uma

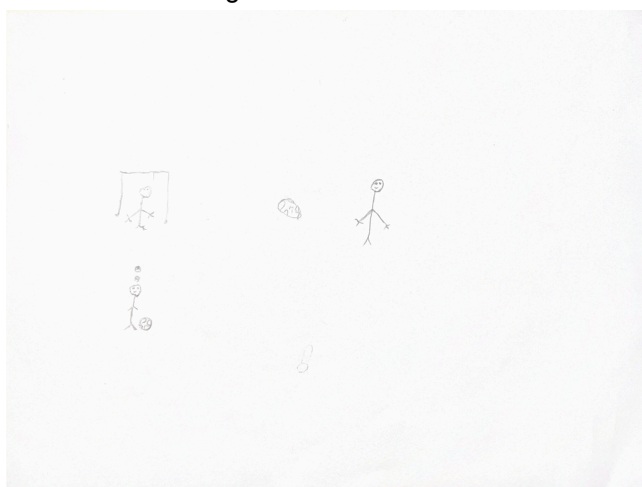
prática exclusiva da ACEAB, até porque os jovens precisam entender seus gostos. Como exposto anteriormente, o paradesporto é variado de classificações para uma melhor performance de um atleta em seu esporte preferido e uma melhor qualidade de vida.

Outro contexto importante a ser observado é quanto ao processo de iniciação, diz respeito a deficiência adquirida (recorrente a um acidente) ou a deficiência congênita (ocorreu no nascimento). Como explica (Crivellaro Sanchotene et al 2020), a iniciação esportiva em esporte para pessoa com deficiência adquirida, mostra-se uma vertente ligada à “re(construção) de caminhos”, por conta da descoberta de uma nova situação, em um “contexto diferenciado” e também por ter passado por modificações em seu corpo. Por estes motivos, a introdução das pessoas com deficiência adquirida em modalidades do esporte paralímpico pode ser tardia em relação às pessoas com deficiência congênita.

6. SONHO PARALÍMPICO

Inegável, que uma das maiores honrarias para os atletas, principalmente aos que se dedicam ao alto rendimento, está relacionado as medalhas, recordes alcançados e as marcas pessoais superadas. Partindo desse ponto, perguntou-se aos atletas quais seriam seus objetivos futuros no esporte paralímpico. Para tanto, eles utilizaram a sua criatividade para expressar, por intermédio de desenhos ou produções textuais, seus objetivos futuros.

Figura 4 – Desenho de Paulo

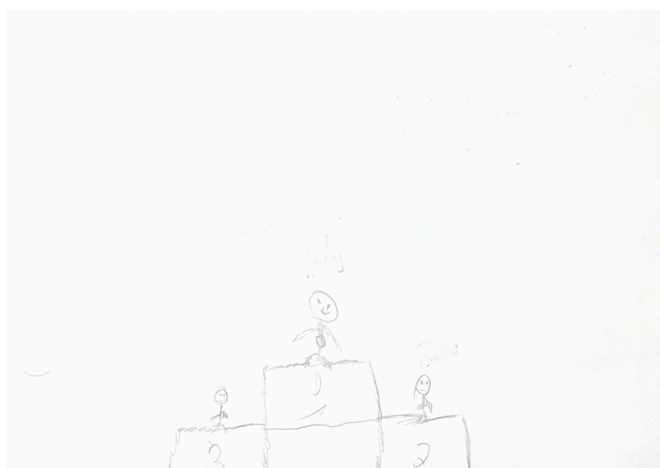


FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Inicialmente, Paulo optou por desenhar e retratar ele no futuro como um atleta de elite atuando como goleiro da equipe da ACEAB. Esse registro visual evidencia o fato de o esporte paralímpico ultrapassar o campo da recreação e se transformar em algo sério e profissional.

Percebe-se essa transformação de mentalidade dos atletas, à medida que o paradesporto não é mais visto como algo de brincadeira. Esta mudança está muito ligada à profissionalização do paradesporto. Como explica Brittain (2010), a transformação de mentalidade dos atletas reflete transformações sociais importantes, quebrando estigmas e promovendo a valorização da capacidade esportiva desses indivíduos.

Figura 5 – Desenho de Daniel



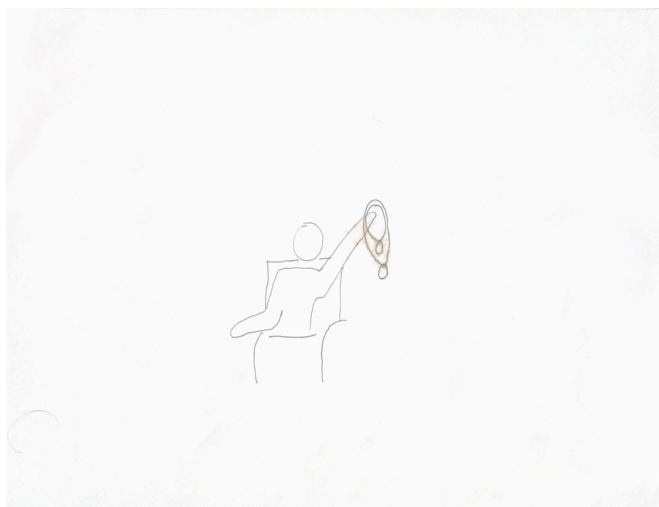
FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Continuando, Daniel também optou por desenhar como imaginava seu futuro como um atleta de natação. Quando questionado sobre seu desenho explicou que seu maior sonho esportivo é participar de uma Paralimpíada representando o Brasil. Da mesma maneira, não deixou de demonstrar sua gratidão à natação.

[...] Para falar a verdade eu era uma pessoa desacreditada, eu tinha depressão muito ligado a questões familiares, era sedentário e não gostava de falar com ninguém. E através da natação e do projeto, eu desenvolvi vontade de viver e aproveitar a vida e hoje eu tô aqui fazendo o que eu mais amo que é a natação. (Daniel, 2025)

É notória a transformação que o esporte proporciona aos atletas, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Esse resultado também é fruto do trabalho desenvolvido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Um exemplo é a criação do programa Atleta Cidadão, que tem como objetivo apoiar os atletas além do âmbito esportivo, oferecendo bolsas para graduação, cursos de idiomas, entre outros benefícios.

Figura 6 – Desenho de Vinicius



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2025

Por sua vez, Vinicius escolheu se expressar através de um desenho para como ele projeta seu futuro no atletismo. “Eu pretendo estar com bastante medalha e um pouco mais lá na frente famoso”, disse o atleta.

Quando questionado sobre seus sentimentos nas competições disse:

Eu me sinto um pouco nervoso, mas ao mesmo tempo alegre por estar nesse ambiente, muitas pessoas queriam nesse ambiente que eu estou [...] eu tive essa oportunidade de treinar e isso me dá a possibilidade de alcançar mais ainda meu sonho que é de ser reconhecido em outros países, pelo que eu sou. (Vinicius, 2025)



O Brasil possui 18,6 milhões de pessoas com deficiência, número que representa 8,9% da população com mais de 2 anos. Este número foi divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com base nos dados do Censo Demográfico de 2022. Contudo, a parcela que pratica esportes, especialmente em alto rendimento, é muito pequena em relação a essa dimensão populacional.

Lucas e Hugo optaram por escrever pequenos textos alegando falta de aptidão para desenhar. Ambos têm objetivos similares para o futuro.

Me Vejo como um atleta de tênis de mesa da seleção brasileira e jogando uma Paralimpíada, se Deus quiser, representando Belém do Pará que foi o lugar onde eu nasci e me criei. E também dá muito orgulho para a minha família e amigos (Lucas, 2025)

Meu sonho é me tornar um jogador profissional de Badminton, conquistar muitas medalhas e participar de uma Paralimpíada pelo Brasil, orgulhar minha família, principalmente minha mãe (Hugo, 2025)

Avaliando a resposta dos atletas é perceptível a busca por reconhecimento e status de campeão com o ápice, sendo a participação em uma edição dos Jogos Paralímpicos. Entretanto, esse ápice é conquistado por uma pequena parcela dos atletas. Outro ponto que pode ser observado é a necessidade de afirmação desses adolescentes na sociedade para quebra de paradigmas da incapacidade de pessoas com deficiência em realizar atos grandiosos.

7. OLHAR PARALÍMPICO

No contexto do esporte paralímpico, a mídia, por meio de transmissões esportivas, redes sociais e plataformas digitais promovem o conhecimento das modalidades, dos atletas e de suas histórias de superação, criando conexões emocionais que favorecem a identificação e a inspiração dos espectadores, especialmente os mais jovens. Essa mediação cultural é crucial para a formação da identidade esportiva e para a valorização do paradesporto como instrumento de inclusão e transformação social, conforme Buckingham argumenta ao ressaltar a importância da mídia na construção do significado social das práticas culturais na infância (BUCKINGHAM, 2007, p. 7).



Partindo desse raciocínio, realizou-se a segunda dinâmica: Tela Mágica – Percepção da Mídia sobre o Esporte Paralímpico, anteriormente apresentada nos processos metodológicos, quando questionou-se aos atletas sobre seu conhecimento acerca de símbolos e atletas dos esportes paralímpicos, se haviam lembranças sobre os símbolos na mídia.

De início, foram apresentadas as imagens para os atletas e eles tinham que responder se reconheciam o esporte, o atleta ou o material esportivo de determinada modalidade. A sequência de imagens foi a mesma para todos os adolescentes, com base em tópicos pré-estabelecidos (TV, Internet, Escola ou Nunca vi).

A primeira imagem apresentada foi a de Bruna Alexandre, importante atleta do tênis de mesa brasileiro com o fato histórico de ser a primeira atleta a participar dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em uma mesma edição, em Paris 2024.

De forma unânime, os atletas relataram conhecer a atleta por meio da televisão. Hugo, por sua vez, mencionou reconhecer a mesatenista pela mídia, embora não recordasse seu nome. Daniel afirmou ter visto a atleta pessoalmente no Centro de Treinamento Paralímpico durante as Paralimpíadas Escolares de 2023, mas demonstrou pouco interesse em aprofundar seu conhecimento sobre a trajetória da mesatenista. Já Felipe e Lucas reconheceram a atleta pelas conquistas obtidas em Paris; este último acrescentou que acompanha a atleta nas redes sociais e a considera uma fonte de inspiração.

A constituição identidade da criança e do adolescente se dá através de um longo e sucessivo processo de identificação com imagens, que são produzidas e propostas a partir de instâncias socializadoras que veiculam os ideais em voga numa determinada cultura. Dentre essas instâncias socializadoras, a mídia ocupa um lugar de extremo destaque, funcionando como uma central distribuidora de sentido, e suas corporações, como fábricas de imaginário, constantemente produzindo e oferecendo modelos que servem de suporte para as identificações constitutivas do sujeito. (ALCÂNTARA e CAMPOS, 2006, pp.145-146)

A criação de ídolos no esporte é um fenômeno complexo que vai além dos feitos esportivos propriamente ditos, envolvendo a construção de uma identidade que inspire e gere identificação no público. Conforme apontam estudos, a figura do ídolo surge a partir da valorização de grandes conquistas e da criação de vínculos afetivos entre o atleta, sua torcida e a mídia (Silva, 2019; Assis & Vieira, 2003). A mídia desempenha papel central nesse processo ao destacar qualidades, histórias de vida e personalidades que transcendem o desempenho técnico, moldando o atleta como um exemplo de vida e símbolo cultural.

No esporte paralímpico, a construção de ídolos tem um papel ainda mais significativo, pois contribui para a valorização social dos atletas com deficiência e para a quebra de estigmas relacionados à deficiência. A visibilidade desses ídolos nas mídias amplia o alcance das mensagens de superação, inclusão e desenvolvimento, incentivando a participação e o interesse pelo paradesporto (Buckingham, 2007).

A segunda imagem mostra os materiais necessários para a prática da bocha paralímpica, esporte exclusivo para atletas cadeirantes. Os atletas comentaram já terem visto o material, exceto Paulo. Os adolescentes que responderam positivamente, ressaltaram que conhecem os materiais por terem visto pela Associação. Vinicius disse: “Isso é da Bocha, já pratiquei por um tempo”. Hugo disse que buscou conhecer um pouco mais sobre a bocha perguntando aos professores e pesquisando na internet.

A partir dessas respostas o pesquisador percebeu que a bocha é um esporte desconhecido e os atletas passaram a conhecer apenas por estarem inseridos no meio paralímpico, tal fato pode ter relação com o fato de a bocha ser um esporte exclusivo para cadeirantes. Segundo Andrade e Melo (2015), esportes com critérios de participação mais restritos tendem a possuir menor exposição midiática e menor penetração cultural, o que impacta diretamente no conhecimento e interesse do público geral, incluindo os próprios praticantes de outras modalidades paralímpicas.



A terceira imagem mostra Gabriel Araújo, conhecido como Gabrielzinho, destacado para-atleta brasileiro que ficou conhecido pelo jeito irreverente fora das piscinas. Ele conquistou 3 medalhas de Ouro em Paris 2024. Os atletas diversificaram as respostas sobre onde conheciam Gabriel. Paulo fez a lembrança sobre o atleta por causa das notícias vistas no telejornal sobre as conquistas dele nos Jogos Paralímpicos. Já Lucas disse que conheceu o nadador por causa de um perfil no Instagram que fala sobre esporte paralímpico. Vinicius e Hugo não reconheceram o atleta.

Por sua vez, Daniel disse conhecer Gabriel e ainda completou:

[...] Esse eu conheço, Gabrielzinho, tenho foto com ele, muito meu amigo. Na última semana de treinamento com a seleção, ele treinou junto com a gente. Uma pessoa muito boa.[...] Ele me inspira a continuar no esporte, um dos meus ídolos. (Daniel, 2025)

Assim, é nítida a necessidade da criação de ídolos esportivos, um processo que envolve a interseção entre conquistas esportivas, representação midiática e identificação social, sendo fundamental para o fortalecimento do esporte e para a construção de modelos positivos na sociedade.

A quarta imagem é o logotipo das Paralimpíadas Escolares, competição realizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro que reúne para-atletas em idade escolar de todo território nacional. De forma unânime, os atletas reconheceram o logotipo, pois todos já participaram de no mínimo uma edição da competição. Entretanto, quando questionados sobre conhecerem a marca visual antes da sua participação, todos responderam negativamente. Mais uma vez se evidencia o quanto o desporto é nichado.

A quinta imagem utilizada foi uma foto de atletas competindo em uma prova de atletismo. Novamente as respostas foram diversificadas. Felipe pontuou já ter visto sobre o atletismo nas redes sociais e na televisão. Vinicius, por sua vez, relatou sempre buscar assistir provas antigas e pesquisar maneiras para que ele possa evoluir seu desempenho nas pistas. Daniel comentou que acompanha alguns resultados sobre atletismo por conta de amigos que praticam a modalidade. A fala de Daniel evidencia o companheirismo que há entre paratletas.



A sexta imagem utilizada foi a fachada do Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo. As respostas seguiram a mesma linha de raciocínio, os atletas conheciam o espaço porque as Paralimpíadas Escolares ocorrem sempre nesse local. Mas a maioria só conheceu após participar da competição. A única resposta que divergiu foi de Hugo que já havia assistido uma reportagem anos atrás sobre o esporte paralímpico e visto o CT anteriormente, mas naquele momento ele não sabia para o que serviria o espaço.

A sétima imagem apresenta atletas participando de uma prova de natação. Os atletas conhecem o esporte muito por conta da convivência. Lucas e Vinicius comentaram que assistiram no canal por assinatura (Sportv) algumas provas de natação nas Paralimpíadas de Paris, mas que não tiveram curiosidade para procurar mais sobre o esporte. Já Daniel, nadador e apaixonado pelas piscinas, comentou que consome todas as maneiras de mídia sobre natação. “Na água eu considero minha segunda casa, sempre acompanho as notícias sobre”. A natação é o esporte paralímpico mais praticado do mundo pela sua acessibilidade e variedade de classes, segundo dados do Comitê Paralímpico Internacional. Essa adaptabilidade amplia o alcance social e esportivo da modalidade, favorecendo a inclusão e a prática contínua de pessoas com diferentes limitações físicas e sensoriais (Brittain, 2010).

A oitava imagem apresentada aos adolescentes foi o logotipo do Comitê Paralímpico Brasileiro. Os atletas reconheceram a marca, mas não sabiam com clareza dizer a qual Entidade pertencia. Daniel teve a lembrança da aplicação do logotipo no uniforme de treinamento com a Seleção Brasileira de natação. Já Hugo lembrou do símbolo por causa das Paralimpíadas Escolares que participou.

Conforme a teoria do capital simbólico de Bourdieu (1989), símbolos e marcas associadas a instituições esportivas carregam um prestígio e legitimidade que podem ser internalizados por quem está inserido no campo esportivo. No entanto, o grau de internalização e compreensão correta requer um processo contínuo de socialização esportiva e educação institucional, aspectos que podem estar em processo para esses jovens atletas.

A nona imagem era a representação de um jogo de basquete em cadeira de rodas. Os meninos mostraram desconhecimento com relação ao esporte, exceto Daniel e Vinicius. O nadador disse já ter visto o esporte nas redes sociais de um amigo que pratica basquete, já o corredor disse já ter visto uma transmissão sobre e até comentou que tem a curiosidade de praticar Basquete pelo menos uma vez. Vinicius ainda completou que sempre busca notícias sobre esportes paraolímpicos na mídia.

Portanto, essa busca de Vinicius por informações se mostra de extrema importância para que outros jovens possam se aproximar dessas modalidades, indicando a necessidade de estratégias de comunicação e divulgação que ampliem o alcance de esportes como o basquete em cadeira de rodas.

A décima imagem apresentada aos adolescentes mostrava Petrúcio Ferreira, conhecido como o "Homem mais rápido do mundo", recordista mundial e campeão paralímpico nos 100 metros rasos. As respostas dos atletas foram divididas: Hugo, Lucas e Paulo não conheciam o atleta, enquanto Daniel, Felipe e Vinicius demonstraram reconhecê-lo. Daniel e Felipe mencionaram já ter assistido a uma prova do velocista, e Vinicius acrescentou que já havia pesquisado informações sobre Petrúcio, demonstrando interesse e conhecimento mais aprofundado sobre sua trajetória esportiva. A mídia é responsável por criar narrativas que aproximam o público do universo paralímpico, facilitando o reconhecimento de atletas como Petrúcio e potencializando sua função inspiradora no processo de iniciação esportiva (Buckingham, 2007).

A imagem utilizada para finalizar a dinâmica foi uma foto da Modalidade Futebol de 5, exclusiva para deficientes visuais. As respostas foram variadas. Paulo associou o esporte à maneira convencional. Já Vinicius lembrou que havia assistido na TV aberta a um jogo do Brasil nas Paralimpíadas de Paris, única transmissão dos Jogos Paralímpicos 2024 exibida na TV aberta. Enquanto Hugo conheceu o esporte na Associação e acrescentou que sua maior curiosidade e o que fez ele pesquisar mais sobre foi a bola da modalidade que apresenta guizos para facilitar a localização em campo.

A Associação entre o esporte convencional e o futebol de 5, observada na resposta de Paulo, pode ser explicada pela teoria da adaptação esportiva, que aponta que muitas modalidades paralímpicas derivam de esportes tradicionais, adaptados para garantir acessibilidade e competitividade (DePauw & Gavron, 2005). Esse processo de adaptação contribui para uma identificação mais fácil dos jovens com o esporte, potencializando seu interesse e engajamento.

Além disso, a exposição midiática durante grandes eventos, como as Paralímpiadas de Paris, fortalece a visibilidade do futebol de 5, ampliando o conhecimento e o interesse infantil juvenil, como destacou Vinicius. Nesse sentido, Buckingham (2007) enfatiza que a mídia digital e as transmissões esportivas são fundamentais para moldar a percepção infantil sobre o esporte paralímpico, gerando experiências significativas que interferem na iniciação esportiva.

Analisando as respostas obtidas nessas dinâmicas, o pesquisador percebeu que os atletas iniciaram esse reconhecimento sobre o paradesporto após serem incluídos no meio, deixando perceptível o quanto o esporte paralímpico é nichado.

Diversos são os desafios ao longo da trajetória esportiva dos atletas de alto rendimento, mais desafios se apresentam, quando nos referimos ao esporte paralímpico. Para além de limitações próprias da deficiência, geralmente, “[...] precisam mostrar ao mundo que são capazes, autossuficientes e até mesmo, quase um modelo de super-herói para serem respeitados e valorizados” (p. 8)” (Lima, 2021). Esses aspectos são percebidos desde o processo de consolidação do esporte paralímpico no cenário nacional até as necessidades diárias que são atribuídas a sua deficiência. Corroborando Mazo, ao afirmar que, no Brasil, a consolidação do esporte paralímpico, ainda depende muito do esforço dos atletas e de suas famílias, bem como da dedicação de profissionais, especialmente treinados, que oferecem apoio aos competidores de várias maneiras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo de conclusão de curso buscou avaliar o impacto da mídia na iniciação de adolescentes no esporte paralímpico na Associação Clube Esporte Adaptado em Belém (ACEAB), sendo este o objetivo geral.

A partir do levantamento bibliográfico, da análise documental e das dinâmicas realizadas com atletas, foi possível inferir que a mídia tem um papel coadjuvante na iniciação dos paratletas nas modalidades, enquanto a família é a principal incentivadora na iniciação e manutenção dos jovens no esporte.

A pesquisa dissertou a respeito de como os adolescentes apresentaram seu primeiro contato com o paradesporto, como ocorreu suas primeiras impressões, tendo em vista que nunca tinham vivenciado o esporte paralímpico.

A análise também destrinchou o sentimento atual dos atletas na sua respectiva modalidade, suas conquistas, as mudanças ocorridas na vida do indivíduo após o início no paradesporto tanto na carreira esportiva, tanto na vida pessoal. E também quais seriam suas projeções futuras com relação ao esporte.

Além de analisar o conhecimento dos atletas a respeito dos atletas e símbolos do esporte paralímpico, se haviam recordações sobre os símbolos na mídia tradicional ou digital.

Foi possível compreender que, o esporte paralímpico está vinculado a uma parcela específica da sociedade e da mídia, partindo-se do ponto que os últimos Jogos Paralímpicos foram transmitidos em sua maioria em canais por assinatura, com exceção de uma transmissão em TV aberta, o que prejudica o reconhecimento de uma parcela considerável da sociedade..

Com base nas dinâmicas, o pesquisador pode inferir a importância da base familiar no processo de inicialização dos jovens no esporte paralímpico. Além dos ganhos psicológicos na autoestima dos jovens que tem no esporte uma porta de entrada na sociedade em busca de respeito e reconhecimento além da deficiência.

Apesar de a mídia não se apresentar como pilar principal na iniciação dos adolescentes estudados, ela tem papel fundamental na permanência desses atleta no esporte, tendo em vista que a geração na qual esses adolescentes estão incluídos é a fativa digitalmente e sempre busca por pessoas para se inspirar, criando assim os ídolos.

De tal maneira que, a discussão apresentada neste artigo não se esgota, é imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas sobre o esporte paralímpico, desde o processo de iniciação até a visão midiática sobre o assunto. Dessa forma se torna fundamental estudos de aprofundamento das estratégias comunicacionais para tornarem o paradesporto mais reconhecido midiaticamente e também que haja a ampliação da pesquisa para o público feminino.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alexandra; CAMPOS, Marília. Em *Publicidade e consumo*, 2006, pp. 145-146. p. 142. Recife: Editora UFPE, 2016.

ANCESKI BATAGLION, Giandra; ZARPELLON MAZO, Janice. Paralimpíadas Escolares: representações sociais acerca do esporte paralímpico no Rio Grande do Sul. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, v. 9, n. 19, p. 353-385, 2019.

BACCEGA, Maria. Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 49-65, jul. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRITAIN, Ian. *The Paralympic Games Explained*. Routledge, 2010.

BUCKINGHAM, David. *Media and Childhood*. Cambridge: Polity Press, 2007.

CHALABAEV, A. et al. Impact of physical activity on children and adolescents: a review. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 14, n. 2, p. 238-246, 2013.

CRIVELLARO SANCHOTENE, V. P.; ANCESKI BATAGLION, G.; ZARPELLON MAZO, J. A iniciação esportiva no esporte paralímpico: o caso do voleibol sentado. *Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES*, v. 17, n. 2, 2020.

DEPAUW, Karen P.; GAVRON, Susan J. *Disability Sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAT, Rosana. *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2007.

GUTTMANN, Ludwig. Organização dos Stoke Mandeville Games, 1948. In: BRITAIN, Ian. *The Paralympic Games Explained*. Routledge, 2010.

HAIACHI, Marcelo de Castro. *O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes*. 2017. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.



JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2015.

LIMA, E. J.; LEITÃO, J. C. G. C.; ALENCAR, D. L.; FREITAS FILHO, J. B. Q.; PEREIRA, A. M. A. A excelência no desporto paralímpico brasileiro: um estudo de caso. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v. 20, n. 1, p. 7-14, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Construção social da deficiência*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; BERTOLDI, R.; ASSMANN, A. B. Jogos paralímpicos Rio 2016: memórias esportivas de atletas sul-rio-grandenses. *BRAJETS*, v. 11, n. 1, p. 87-104, 2018.

MIRANDA, T. J. Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. Políticas públicas para transmissão de esportes: análise de dispositivos legais sobre o desporto e a comunicação. In: *XXXV Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação - Intercom*. 35, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Silvan Menezes dos; FURTADO, Sabrina; POFFO, Bianca Natália; VELASCO, Amanda Paola; SOUZA, Doralice Lange de. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da *Folha de S.Paulo* entre 1992 e 2016, 2018.

SANTOS, Isabelle. *Vivi Lobo e o Quarto Mágico: um livro infantil ilustrado a partir de estudos feministas*. 2017. 166 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SporTV 2 lidera audiência na TV paga com Paralimpíadas de Paris. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/09/com-paralimpiadas-de-paris-sportv-2-lidera-audiencia-na-tv-paga-veja-balanco-completo.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2025.